



NODEIRINHO (3270 Pedrógão Grande) — Telef. 52287

(Depósito Legal n.º 236/82)

MENSÁRIO — (AVENÇA)

ANO XXV — N.º 292
15 de Janeiro de 1987

Director e Editor:
Aníbal Henriques Coelho

Propriedade da Fábrica
da Igreja Paroquial da Graça

Composição e impressão:
Gráfica Almondina / Torres Novas

Preço: série de 12 números,
um ano — 300\$00



MAÇONARIA

Pelo ano de 1873, em França, as coisas da Política não corriam bem, mas a república feita e exercida por monárquicos lá ia singrando. Porém apareceu o inesperado — uma carta do Papa Leão XIII, dirigida aos franceses, «Lettre aux Français». Ao desacordo seguiu-se a confusão. Essa maquiavélica carta fora gizada pelo maçom Cardeal secretário de Estado do Papa, Rampolla, e outros seus «irmãos» maçónicos, na loja maçónica de Ensiedeln, Suíça. O grande Papa Leão XIII deixou-se enganar, e assinou a maldita carta que tantos males veio a causar à Igreja e à Sociedade. Mais tarde, depois de reconhecer o erro em que caiu, desabafou: «On m'atrompé» — «Enganaram-me».

Nas eleições a seguir foi aumentado o número dos deputados republicanos. No fim do século, já obtiveram a maioria absoluta. A república estava consolidada. E pela parte que diz respeito a Portugal, se não houvesse esta consolidação, não teríamos tido cá o 5 de Outubro de 1910, nem um maçónico Afonso Costa que tanto mal fez à Igreja, chegando a marcar-lhe 20 anos de vida. Mas ele morreu e a Igreja ficou e ficará para sempre, porque tem a assistência do Divino Espírito Santo, prometida por Jesus Cristo, seu fundador. «As portas do inferno não prevalecerão contra ela».

O ministro Combes, o Afonso Costa francês, apoderou-se de todos os bens da Igreja, o que causou enorme indignação. A resistência foi tremenda. O inventário e arrolação dos bens e do património da Igreja provocou tumultos tão graves que causou mortes em muitas terras. Foi preciso a tropa abrir caminho à força aos oficiais da justiça que faziam o

Continua na pág. 3

VOLTA AO MUNDO

BRAGANÇA — Neste distrito morreram quatro pessoas e estão três em estado grave, no hospital, por terem comido cogumelos venenosos. Cuidado! Os bons são os que têm uma calça.

ÁFRICA DO SUL — Há neste país mais de 60 milhões de pessoas. A quarta parte desta gente tem menos de 14 anos. As sanções iriam colocar 15 milhões

de crianças sob a ameaça da fome. O célebre operador Barnard, que em Dezembro de 1967 realizou a primeira transplantação cardíaca, na sua qualidade de médico chama a atenção dos bispos de qualquer Igreja e de qualquer país para a grave falta de justiça e de caridade que consiste em pedir e promover sanções e boicotes (geradores de fome), contra a África do Sul, com o falso

pretexto de pôr termo a um «apartheid» já praticamente inexistente.

Tutu, bispo anglicano, anda com a família de avião a jacto por todo o mundo a dizer às pessoas que castiguem a África do Sul com as sanções, pois ele sabe que está fora dos efeitos de tais sanções. Tem um emprego bem pago pela Igreja anglicana. Leva uma vida de rei e não será perturbado pelos gritos de crianças a morrer de fome. Está manifestamente a fazer o frete aos comunistas, que à força se querem instalar na África do Sul, como já fizeram em Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné, etc., etc.

São declarações do negro O. Osborne, de Soweto.

A DERROCADA DAS CASAS DO POVO

Tive há dias a visita do Presidente da Casa do Povo de Barbacena. O motivo não era agradável. Vinha desistir da assinatura pela razão simples de que a Casa do Povo não tem verba para tal. Aproveito para reproduzir as suas palavras:

Talvez a maioria dos leitores não saiba que a primeira Casa do Povo de Portugal foi e é a de Barbacena. Em 6 de Janeiro de 1934, com a presença do Governo de então, Barbacena teve a honra de ser a primeira a usufruir dos benefícios da mais valiosa instituição criada em Portugal em proveito da classe rural desfavorecida.

Mas as Casas do Povo encontram-se à beira do abismo querendo os governos do presente destruir o que de bom foi feito aos trabalhadores rurais pelos governos do passado.

É nestas casas que os trabalhadores agrícolas sentem um ponto acolhedor para esquecerem a luta de tantas horas de trabalho, quantas vezes suportando as piores intempéries.

Em 1-2-82 a Casa do Povo de Barbacena tinha em média 540 sócios o que dava uma receita mensal de 10800\$00 e havia em Dezembro um saldo de 42566\$00. Mas houve alguém que, não sabendo as dificuldades das Casas do Povo, lança, através de números que lhe são enviados para cima de uma secretária, o fatídico Dec.-Lei 4/12 de 11 de Fevereiro que irá levar as Casas do Povo à derrocada.

Pois nós, Casa do Povo de Barbacena, seremos a encerrar as portas porque não temos nada para dar às pessoas. Iremos desistir de comprar os jornais por falta de verba, pois será isto que querem para que

os trabalhadores não saibam a situação do país, a situação de quem trabalha, a situação de fome que neste país grassa.

Tivemos um Centro de Educação Familiar que era muito benéfico para a população, mas encerrou por falta de verba. É este o país que se diz europeu, defensor de quem trabalha, é este o país democrático que ao menos permitirá que não cale a minha voz enquanto a razão estiver do lado de quem trabalha.

Não ao desmantelamento das Casas do Povo.

ABIUL — Em Chão do Ulmeiro, num dia de Outubro, morreram num balseiro, a mexer mosto de uvas, Carminda Lopes Martins, de 42 anos, e sua filha Alda, de 18 anos, que andava grávida. Também no Carriço, Pombal, morreram dois homens em idênticas circunstâncias.

MOÇAMBIQUE — Na queda do avião russo «Tupo-

Continua na pág. 5

Campanha de azeite 1986-1987

Há este ano muita azeitona nas oliveiras. Em geral estão bem carregadas. Na foto, vê-se uma oliveira, em frente do Adro da Capela de Nossa Senhora do Leite, pertença do sr. Joaquim Francisco Bernardo. Está carregadinha de fruto. O azeite está a sair fino, a menos de um grau de acidez.

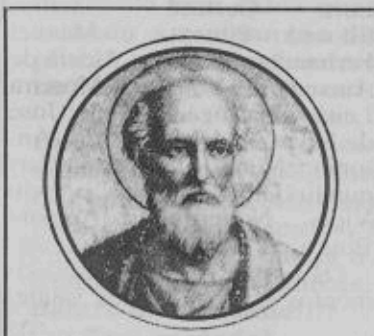
Queixam-se os proprietários de que há pouco pessoal para a apanhar e de que o azeite não se vende por preço adequado à época, em ordem aos ordenados actuais dos trabalhadores, e a um rendimento razoável para os patrões.



Uma oliveira carregada de azeitona, em Nodeirinho, em frente do Adro da Capela

OS PAPAS DA IGREJA

Santo Evaristo, 5.º Papa, o 4.º sucessor de S. Pedro, festeja-se no dia 26 de Outubro. Foi imediato sucessor do Papa S. Clemente, pelo ano



5 — SÃO EVARISTO

Nasceu na Grécia. Eleito em 97, morreu em 105. Devido ao aumento de cristãos, dividiu a cidade em paróquias. Instituiu as primeiras Diaconias que confiou aos sacerdotes mais antigos, dando origem ao actual Colégio Cardenalício.

100 da era cristã. Com mais exactidão, Bispo de Roma, porque nessa época a palavra «papa» ou «pai» apli-

cava-se a qualquer sacerdote, ou a qualquer bispo. Só no século VI é que o título de Papa começou a ser reservado ao pontífice de Roma, ao Bispo de Roma. Evaristo era grego de Antioquia, como seu pai judeu, chamado Judas, nascido em Belém. Foi declarado mártir. Antes de Evaristo, Anacleto tinha ordenado 25 padres. Evaristo repartiu entre eles as igrejas paroquiais de Roma (Título): arranjos na realidade posteriores. O Apóstolo S. Pedro tinha já estabelecido sete diaconos: o nosso Santo Evaristo decidiu que estivessem ao lado do bispo, declarando o prefácio da missa, para darem, se necessário, testemunho da ortodoxia dele. Foi sepultado perto do corpo do bem-aventurado Pedro, no Vaticano, no 6.º das calendas de Novembro (26 de Outubro).

A palavra Evaristo vem do grego «enarestos» e significa «engraçado» ou «agradável».

ANIVERSÁRIOS

— No dia 29 de Novembro de 1986, festejou o seu 22.º aniversário de nascimento o jovem Manuel da Cruz Conceição Simões, que tinha acabado o serviço militar, do lugar da Soalheira, filho do nosso assinante Manuel Simões Nunes e de D. Albina Henriques Conceição.

— No dia 27 de Novembro de 1986, no lugar dos Matos, festejou os seus 74 anos de idade o Sr. Albino Nunes, casado com a Sr.ª D. Alda da Conceição. É mais conhecido por Albino da Ribeira.

— No dia 16 de Janeiro de 1987, em Brinços, Abiul, festejou os seus 65 anos o nosso assinante, Sr. Manuel Gomes Russo, digno comerciante.

— No dia 23 de Novembro de 1986, festejou os seus 26 anos o Sr. António Silva de Jesus, comerciante em Alhandra, nosso assinante, natural de Nodeirinho, filho do nosso assinante Sr. José de Jesus Alfredo e de D. Elvira Alves.

— Nos Troviscais, Pedrógão Grande, no dia 13 de Dezembro de 1986, festejou os seus lindos 80 anos o Sr. Manuel Pais David, nosso assinante.

Parabéns.

Informação do Instituto de Qualidade Alimentar

AJUDAS À NORMALIZAÇÃO DE FRUTOS E PRODUTOS HORTÍCOLAS

Os agricultores e suas associações podem candidatar-se a receber ajudas financeiras para a normalização de pêras, maçãs, citrinos e tomate.

Para receberem a ajuda, que é de 2500 por quilo de fruta normalizada, os produtores e suas associações deverão inscrever-se, de imediato, nos Serviços Regionais de Agricultura das suas áreas, onde lhes serão prestadas as informações necessárias.

VENDE-SE

No centro da vila de Pedrógão Grande, belo Solar, com grande quintal.

Tratar pelo telef. 039-29106 — Coimbra.

«Voz da Graça»

Publicação Mensal

Redacção e Administração:
Nodeirinho / 3270 Pedrógão Grande

Director e Editor:
Aníbal Henriques Coelho

Fotocomp., montagem, impressão:
Gráfica Almondina
Torres Novas

Preços: Continente, 250\$00, por
12 meses; Estrangeiro, 600\$00

Tiragem mensal de 2000 ex.

Casamento

No dia 29 de Novembro de 1986, em Vila Facaia, celebrou-se o casamento da menina Isabel Antunes Carvalho, de 22 anos, filha do nosso assinante Sr. Manuel Tavares de Carvalho e da Sr.ª D. Florinda Antunes de Carvalho, com o Sr. Manuel Antunes Costa, nosso assinante, filho do Sr. António Antunes Costa e da Sr.ª D. Olinda Antunes, de Vila Facaia.

Foram padrinhos os Srs. Vasco Antunes Rosa e Manuel Henriques Marques, nossos assinantes e amigos.

PERGUNTA E RESPOSTA

Um nosso assinante perguntou se há alguma coisa na legislação da Igreja que regule o número de velas acesas, no altar, durante a celebração da missa.

Há, sim senhor. As nossas Constituições do Bispado, no número 650, ordenam: «Nas missas rezadas, devem ser duas as velas acesas no altar. Na missa paroquial, podem acender-se mais de duas velas.»

No II volume, n.º 172, da Liturgia do autor, P.º D. António Coelho, diz-se: «Na missa privada, são requeridas duas velas, e não permitidas mais do que duas.»

Quando o celebrante não tem luz suficiente para ler, poderá acender-se mais uma vela.

VISITAS À REDACÇÃO

Deram-nos a honra da sua amável visita os nossos assinantes:

Joaquim Francisco Bernardo, Nodeirinho; P.º Adriano Simões Santo, Chão de Couce; Jorge Manuel Coelho Mendes, Graça; Américo Rosa Lopes, Pesos; Tomás Coelho Simões, Figueiró dos Vinhos; Joaquim Barreto, Nodeirinho; António Leitão Graça, Lisboa; José Alfredo de Jesus, Nodeirinho; D. Maria da Natividade Baeta, Casal da Francisca; Manuel Carvalho Rodrigues, Carvalheira Pequena; Fernando Luís, Gestosa Cimeira; Eduardo Pimenta e Manuel Fernandes Godinho, Aldeia de Ana de Avis; João Moreira Leitão, Pedrógão Grande; José da Silva, Nodeirinho; José António Nunes, Lisboa; Carmindo Dinis da Silva e João Viola, Nodeirinho; Adelino Bouça da Silva, Altardo.

Os nossos sinceros agradecimentos e votos de boa saúde.

SUPERMERCADO TAINHA

DE

Aníbal Tainha Lopes da Costa

Rua de S. Pedro, 1 — Brandariz
PENOSINHO — 4415 Carvalhos
Telef. 7625058 (Vila N. de Gaia)

PEDRÓGÃO PEQUENO

Maria de Jesus, o «Camião da Pedrogueira», falecida a 6 de Janeiro de 1971, mãe de 6 filhos, para angariar o sustento dela e deles, sujeitava-se a todos os sacrifícios. Esta heroína ia, duas vezes por semana, a Figueiró dos Vinhos, buscar pão, por conta dum comerciante do Sobral, Madeirã. Mais tarde, ia ao Convento da Luz, Pedrógão Grande, uma distância de 14 quilómetros! Numa dessas caminhadas, em último estado de gravidez, meteu-se a caminho, com o «poceiro» à cabeça, e na volta, já com a carga de 40 quilos de pão, à cabeça, na velha estrada do Cabril, foi acometida das dores de parto. Poisou a cabaz e deu à luz a bebé, hoje casada e mãe de 7 filhos. Foi ela própria a parteira de si mesma. Recomeçou, depois de pouco tempo, a caminhada, levando à cabeça a carga dos 14 quilos de pão, e ao colo a sua menina.

Quando ia a passar em Pedrógão Pequeno, uma pessoa amiga chamou-a para sua casa e lá passou o resto do dia e a noite. Que grande acto de caridade! No dia seguinte, lá se dirigiu à sua Pedrogueira. Uma heroína mãe, e mártir!

Ponham aqui os olhos as desavergonhadas abortadeiras de hoje.

Pelo Beco (Ferreira do Zêzere), em 1892

Na noite de 20 de Março, tiveram o grande descaramento de assaltar a capoeira e roubar 22 coelhos mansos, e com eles fizeram uma patuscada na noite da «serração da velha». O dono da capoeira chamava-se Jacinto Soares.

No Outeiro da Frazoeira (Paio Mendes), no dia 19 de Março de 1892, Dia de São José, faleceu Manuel Cotrim; dizia-se que tinha muita «bagalhoça». De que lhe serviu nos últimos momentos? A terra lhe seja leve, e que os seus herdeiros limpem as «lágrimas» aos «guardanapos» que lhes deixou. Estas duas notícias são de Manuel Mendes Camão, e foram publicadas no «Campeão do Zêzere», de 27 de Março, domingo, de 1892.

O mesmo Camão e no mesmo jornal diz que, em Ave-Casta, freguesia de Areias, havia, e ainda há, uma lapa, obra da natureza que parece artificial, com um arco de pedra em forma de arco turquesco por onde se entra para aquela concavidade, tão espacosa como o salão de S. Bento, e digna de uma reunião de pares e deputados, que com dificuldade ali podiam ser «empedrados» para bem desta infeliz nação.

Já então assim eram os deputados do Parlamento!

CARLOS PALHEIRA

Vende adubos, sementes, cimento, rações para animais, pesticidas, insecticidas, sal, etc.

Pedrógão Grande.

Missa de aniversário

O saudoso João Nunes Laia, natural de Nodeirinho, faleceu em Carlepoint, França, onde residia há muitos anos, no dia 28 de Novembro de 1976, há 10 anos.

A viúva, Madame Nunes Laia Lucile, mandou celebrar missa por sua alma na Capela de Nossa Senhora do Leite.

«ESTRADAS DE PORTUGAL»

É este o título de um serviço matutino, das 5 às 7 horas, na Rádio Renascença. Se a voz da «Voz da Graça» continuar a não ser ouvida, teremos de recorrer à Emissora Católica para despertar os que dormem.

A estrada de Nodeirinho, mesmo à frente da Capela, como «Voz da Graça» oportunamente publicou, e o Sr. Presidente da C. M. veio verificar, continua com regueiras fundas, e descarnada, a prejudicar o trânsito dos carros e dos peões. As poucas e deficientes valetas que tem, estão rasas de terra e erva. Os cantoneiros da Câmara ou da Junta ainda não aprenderam o caminho para Nodeirinho. É voz do povo que nunca eles cá vieram fazer limpeza, nas estradas. O resultado de tal ostracismo está infelizmente à vista. É um dever da imprensa denunciar as faltas e carências que prejudicam os direitos do Povo, em defesa do bem público. «Voz da Graça» continuará a clamar sempre, até que seja preciso; até que as obras começadas cheguem ao seu devido fim; até que esta povoação tenha o lavadouro coberto; até que, nesta rua principal, possa transitar uma camioneta de carreira; até que as ruas tenham nome e as portas tenham número, para uma boa e eficiente distribuição diária da correspondência.

O cãozinho que chora

Existe na nossa Ovar um cão cuja história comovente vou contar.

Há já cerca de 1 ano que ele perdeu a sua dona, a quem era dedicadíssimo. Durante a doença da senhora, que foi prolongada, a dedicação do cão era impressionante. Eu própria tive ocasião de constatar esse facto.

Além de estar sempre junto da doente, não permitia que estranhos se aproximassem dela.

O mais impressionante é que, após o falecimento da sua dona, o pobre animal continuou a procurá-la nas proximidades dos lugares que ela frequentava quando tinha saúde, chegando ao ponto de ir, diariamente, à Capela de St.º António, onde ela ia cantar, voltando sempre a casa cada vez mais triste, como que chorando...

Eis um caso de fidelidade, que muito tem impressionado quem conheceu aquela senhora e vê agora o pobre animal num doloroso sofrimento.

ESTER

AGRADECIMENTOS

Do choque violento de dois carros em circulação, em 5 de Dezembro, resultou a morte instantânea do jovem emigrante Paulo Gabriel Nunes do Carmo, filho do nosso assinante Sr. Manuel Conceição Inácio do Carmo e de D. Maria Rosa Nunes, de Atalaia Cimeira. O seu funeral realizou-se no dia 11 de Dezembro, vindo de França, para o cemitério da Graça.

Teve missa de corpo presente com enorme assistência de fiéis.

«Voz da Graça» apresenta sinceros pêsames.

Seus pais, irmão, avós e restante família agradecem com profundo reconhecimento a todas as pessoas que se dignaram acompanhá-lo à sua última morada.

— Em Escalos Fundeiros, Pedrógão Grande, faleceu, no dia 9 de Novembro, o nosso assinante e amigo, Sr. António Luís Antunes Prata, de 58 anos, casado com a Sr.ª D.



Marieta Barros Antunes Prata.

Viúva e restante família agradecem com profundo reconhecimento a todas as pessoas que se dignaram acompanhá-lo à sua última morada.

Agradecimento

No dia 20 de Novembro de 1986, faleceu no Hospital de Santarém a Ex.ª Sr.ª D. Maria Gracinda Cortês Simões, natural da Derreada Cimeira, Pedrógão Grande, viúva do saudoso Ramiro Simões e mãe do nosso assinante, Sr. Carlos



Manuel Cortês Simões. O seu funeral realizou-se no dia seguinte para o cemitério de Pedrógão Grande, e teve missa de corpo presente.

Filhos, nora, genro, neto e restante família agradecem com profundo reconhecimento a todas as pessoas que se dignaram acompanhá-la à sua última morada.

Pompílio Nogueira (PINTOR)

Este nosso assinante faleceu, na vila de Pedrógão Grande, no dia 28 de Novembro de 1986.

P.^e ANTÓNIO DE ANDRADE NARRA A SUA DESCOBERTA DO TIBETE

(Continuação da 1.^a carta)

Mas tornando às serras, são elas, na maior parte, cheias de muito arvoredos, do meio para baixo, como grandes pinheiros de várias castas, e de estranha grandeza, uns são como os nossos, e outros são mais frescos que não dão fruto, mas são de muito melhor madeira, tão altos, sem tortura alguma, que passam por duas e três alturas da Torre do Bom Jesus de Goa; não é encarecimento, mas realidade muito certa. Em muitas partes, achamos grande número de pessegueiros e pereiras, carregados de muita fruta verde, e muitas árvores de canela, ciprestes, limoeiros, rosais grandíssimos, com rosas sem número, muitas amoras de silva, umas pretas como as nossas, outras vermelhas como medronhos, mas todas muito boas. Vi uma serra toda de árvores de S. Tomé, sem folha mas tão carregadas de flores, umas brancas e outras como as da Índia, e elas tocando-se umas às outras com os ramos, de maneira que toda a serra parecia um monte de flores, ou uma só flor; e foi esta a mais formosa vista que tive, em toda a minha vida. Há grande número de outras árvores, como castanheiros sem fruto, mas quebram com ramalhetes de flores formosíssimas, de maneira que cada cacho é um formoso e grande ramalhete da figura de um cipreste, tão talhado que não deixa à natureza lugar a que se lhe acrescente cousa alguma para sua perfeição. As flores como as nossas são muitos lírios, rosas e açucenas, e outras em grande número, tão peregrinas como formosas. E em muitas partes, vi grandes tratos de terra, cuja erva era só manjerona, tão fina como a nossa, mas com a folha mais miúda. Mas o que torna as serras mais aprazíveis e menos dificultosas aos caminhantes são as muitas fontes que delas correm, umas despenhando-se dos mais altos picos, outras brotando de vivas pedras, ao longo do caminho, de água tão cristalina e fresca que não há mais que desejar.

Assim chegámos à cidade de Siranagar, aonde reside o Rajá, e não tem outra, mas um grandíssimo número de aldeias como vilas pequenas. A gente desta terra, nos costumes, é muito diferente da gente Indústana; não degolam os carneiros e as cabras que comem, mas afogam-nas, e dizem que ficando o sangue espalhado, faz a carne mais

gostosa; e assim, sem estolar as reses, com a pele chamuscada e a carne mal assada, correndo-lhe o sangue, a comem. Em geral andam descalços e com os pés gretados e cheios de golpes, e tão caledados que correm sem perigo algum por cima de pedras muito agudas, e por cima de espinheiros, sem se ferirem.

Nesta cidade nos fizeram muitas perguntas, de quem nós éramos, o que é que pretendíamos; não podíamos dizer que éramos mercadores, que fora acertado, pois não levávamos fato; respondi que eu era português, e que ia ao Tibete em busca de um irmão meu que, havia anos, lá estava, segundo as notícias que me chegaram; entendendo ser o Rei; e revolvendo-nos o fato de vestir que levávamos, quando viram as batas pretas, perguntaram a razão; respondi que as levávamos para as vestir, se acaso aquele meu irmão tivesse já morrido, em sinal de luto, por ser aquela a cor que se usa nas nossas terras; então ficaram mais convencidos de que eu lá teria algum irmão, como eu dizia.

Depois de cinco dias deixaram-nos passar por especial mercê de Deus. E nós, com toda a brevidade possível, fomos caminhando, obra de quinze dias, por serras menos fragosas que as passadas. Passadas estas, chegámos a outras serras, cheias de neve, nas quais a sombra e a frescura de fontes nos era já menos necessária, por haver já muito frio. Passámos o rio Ganges muitas vezes, não por pontes de corda muito dificultosas, como no caminho que tínhamos deixado atrás, mas por cima da neve que o cobria por grandes tratos, indo ele fazendo por baixo o seu curso, com grande estrondo.

Não pude entender como era possível cair tanta neve que abobadasse tão caudaloso rio, sem serem bastantes suas águas a levá-la e derretê-la; parece-me que das serras ao pé das quais ele corre, não podendo sustentar a máquina e grande peso da neve, cai sobre este rio como a montes, ficando com o peso e queda mais composta e densa, cobrindo assim por cima em muitas partes, como um tiro de espingarda, em outras mais e em outras menos; deixando em lugares umas concavidades e aberturas medonhas que não causam pequeno pavor aos que passam por cima, não sabendo a que hora e ponto cairão aquelas abobadas, como caem muitas vezes, servindo a muitos de sepul-

tura. Assim fomos passando alguns dias, até que, ao cabo de mês e meio, chegámos ao Pagode Badrid que está nos confins das terras do Siranagar; a este Pagode há grande concurso de gente, ainda das partes mais remotas, como de Ceilão e Bisnaga, e outras que a ele vêm em romaria. Quando viéramos de Goa, vieram em nossa companhia dois moços Chingalás de Ceilão, cumprida já sua romaria a este Pagode. Queixaram-se que não acharam esmolas para se sustentar, e que padeciam muita falta. Compadecei-me deles, e mandei-lhes dar uns bazaruços que faziam um larim de Goa. Porém, sabendo eles que não éramos gentios, não aceitaram esmola, dizendo que só de Brâmanes ou de Baneanes a recebiam.

Este Pagode de Badrid está situado ao pé de uma serra de que nascem várias fontes de muito boa água; entre outras, brota uma de água tão quente que a não pode suportar a mão por breve espaço, a qual se reparte por três partes, ficando a cada uma como um boi de água; e assim entra em vários tanques, nos quais, temperada com outra fria, se lavam os romeiros, havendo que com ela purificavam suas almas, e ficam sem pecado algum; e não há para eles na vida bem-aventurança maior do que lavarem-se nesta água purificadora de suas almas. Está este Pagode com os pés no próprio lugar donde a fonte brota, que aqui o puseram os seus Bragmenes, fingindo a esta outras mil patranhas; entre elas dizem que o fogo, vendo-se cheio de pecados, pelos muitos males que fazia no mundo, abrasando casas e fazendas, consumindo campos e arvoredos, pesaroso de tão graves culpas se fora pedir remédio delas ao Pagode de Badrid, o qual lhe disse que ficasse naquele lugar com ele, que assim ficaria purgado de todos aqueles pecados; teve o fogo por grande mercê esta que lhe fazia o Pagode, e assim se ficou a seus pés; e por isso saía aquela fonte de água tão quente como viamos. Fiz-lhe instância, que se o fogo estava aos pés do Pagode, como dizia, tão manso e quieto, como é que fazia ainda, pelo mundo, os mesmos males que primeiro, abrasando quanto encontrava? Responderam que o fogo que andava agora pelo mundo, era só uma das quinze partes que tem o fogo, e que, ficando as catorze quietas aos pés de Badrid, aguentando aquela fonte, a décima quinta parte fazia os males que lhe apontavam. Dizem mais, que o Pagode tudo quanto primeiro tocava tornava em ouro, ou fossem paus ou pedras, ou qualquer outra matéria; mas que um ferreiro, por cobiça, levou certa quantidade de ferro e lançando-o no fogo que aos pés do Badrid estava por assim a abrandar, e fazer maior para ficar com mais ouro, tocando-o no Pagode com esta cobiça e com o ferro ainda quente se ressentira tanto dele que nunca mais quisera converter as cousas em ouro, como de primeiro; destas

patranhas contam muitas. As ofertas que no seu tesouro entram, são sem conto, e assim dizem que é grandíssimo o tesouro que tem de ouro, prata, aljofre e pedraria. Tirados três meses do ano, todos os mais está este Pagode coberto e encravado na muita neve, que cai sobre ele, e as aldeias à roda são neste tempo inabitáveis, passando-se seus moradores para outras que estão mais baixo, três ou quatro jornadas, onde a neve faz menos impressão.

As gentes destas terras, posto que pertencem ao Rajá de Siranagar, são porém de outra casta; a linguagem é diferente; comem carne crua, e assim como vão esfolando o carneiro, o vão comendo, principalmente toda a gordura que tem; e os nervos dos pés são para eles o melhor bocado; as tripas, depois de mal enxaguadas na água, fazem-nas em bocadinhos, e assim as vão logo comendo; cozem algumas, mas só com a primeira fervura, dizendo que a carne muito cozida perde o sabor e substâncias. Comem a neve como entre nós se come o pão, ou o doce; vendo eu um menino de dois para três anos com um pedaço de neve nas mãos, comendo dele, me pareceu que lhe faria muito mal; mandei-lhe dar uma passas

que actualmente nos mandara dar o Rajá do Pagode, e que lhe tirassem das mãos o torrão de neve; tomou ele as passas, e começando a comer, as botou fora, a chorar pela sua neve; e assim, meninos grandes e pequenos, comem a carne crua, e arroz assim como vem de Lira, e outras sementes desta sorte; e com isto, ficam muito fortes e são, bem fora das cólicas da Índia.

Aqui as mulheres lavram as terras, e semeiam; e os homens fiam; elas trazem por jóias nas orelhas umas folhas como olas de palmeiras, enroladas de maneira que representam dois fusos que saindo das orelhas assim direitos, lhe correm pelo rosto um palmo e meio de comprido. Na última destas povoações, chamada Maná, estivemos alguns dias esperando que quebrassem as neves de um famoso deserto que corre daqui até às terras do Tibete, que se pode passar em dois meses do ano somente, não dando elas lugar nos outros dez meses a comércio algum. Desta última aldeia vão subindo logo algumas grandes serras, que nos dois meses que por elas há passagem, se atravessam em vinte dias. Não tem povoação alguma.

(Continua)

MAÇONARIA

(Continuação da 1.^a página)

arrolamento, por entre as multidões revoltadas contra tal injustiça. Foi nesta altura que o deputado monárquico La Tour du Pin perguntou ao Papa Leão XIII o que ele arranhou com a sua «Lettre aux Français», e se era aquilo que o seu pacifismo pretendia. O Papa respondeu, mas a sua resposta deixou a todos fulminados:

«O meu secretário de estado aconselhou-me a subscrever esse documento, pois fazendo o «ralliement», podiam depois fazer melhor o «bouleversement» (a reviravolta).»

Na «Lettre aux Français», o papa dizia aos franceses, que se conformem com a república; que já tiveram muitas guerras e revoluções; que todos os sistemas de governo são bons desde que satisfaçam o bem comum, pois é isso que interessa aos povos; que a república está a cumprir muito bem esse preceito de servir o bem comum; e que os franceses devem fazer o «ralliement». Assim os católicos que são a grande maioria têm que aderir à república. Uma coisa insólita! Uma surpresa! Alguns bispados não admitiram tais dislates e parvoíces contidas na «Carta...». La Tour du Pin, à frente dos monárquicos, reagiu com notas vigorosas, com séria controvérsia, mas o erro continuou com todos os seus nefastos efeitos.

É curioso o desabafo do Papa - «Enganaram-me». Ele bem sabia quem o tinha enganado e aconselhado a assinar tão diabólica carta, mas falou no plural, porque naturalmente não foi só o Rampolla; terá sido mais colaboradores, seus «irmãos» maçons.

O Papa Pio IX, seu antecessor, sabia bem que tinha maçons no Vaticano, e não se pôde ver livre deles, nem a devassa fora completa. E hoje lá continuam ainda, em larga escala, pois, segundo o articulista do «Novo Século», Sárrea de Barros, no n.º 95, Junho de 1986, «chega o descaramento a terem hoje quatro lojas maçónicas, em pleno funcionamento, dentro do Vaticano!!!»

Será verdade?

Parece inacreditável.

ATENÇÃO

Se tem a sua arca congeladora ou o seu frigorífico avariados, não tenha problemas. Contacte com JOSÉ VIOLA - Valongo, Pedrogão Grande.

VENDE-SE

Casa de habitação e anexo, poço de água com motor, com quintal de videiras e oliveiras com água da rede, luz eléctrica, no Casal da Marinha. Trata José Lopes - Casal da Francisca - Telef. 552519.

ÓPTICA

RELOJOARIA - OURIVESARIA

De FERNANDO LOURENÇO DOS SANTOS

Máquinas de costura simples e automáticas para todos os fins. Assistência grátis e permanente

Máquinas de escrever portáteis e comerciais e de calcular, com e sem rolo

Telef. 5 21 05

3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

CARTAS AO DIRECTOR

Rev. Sr. Padre
Aníbal Henriques Coelho

Decorrido um certo silêncio, devido a trabalho no turbilhão da cidade, retomo a liberdade de lhe escrever, desejando-lhe a melhor saúde.

Tenho recebido normalmente o «Voz da Graça» e ao ler as quatro, seis ou oito páginas, não sinto inveja aos jornais lisboetas. O seu conteúdo informa, ensina, educa, recorda e comunica. O Director de «Voz da Graça» tem, proficiente-mente, trazido à actualidade notícias inéditas, que até hoje ninguém ousou levar a casa dos seus leitores. Muita coisa ficaria na obscuridade, se este jornal não tivesse nascido naquela Primavera de 1962. A afirmar a sua brilhante existência ao longo do percurso de 25 anos, duas grandes notícias chegariam para o ilustrar, por se considerarem inéditas: a do ignorado Dr. José de Araújo La-

cerda, natural de Carvalheira Pequena, Graça, limites de Al-tardo.

O meu testemunho, a partir dos anos 30, quando muitos estavam na idade de formar o espírito, do muito que se dizia então, não passava de uma subserviência a caciqueiros e sobeiros privilegiados e no se-gredo dos deuses, distribuídos à maneira de marqueses, para melhor confundir pessoas que nasceram para viver, e assim se chegou ao aparecimento do informativo «Voz da Graça», em 1962, sem um mínimo de cultura e no estado que se verificou. Não se sabia nada de útil e bom do que se passava à nossa volta.

Bem haja, Padre Aníbal, pelos serviços prestados às gentes humildes, espalhadas pelo mundo, em particular na Europa, pela defesa da justiça e a recordação dos ignorados, pela crítica honesta e constru-

tiva de interesse geral, o apoio à moral, religião e cultura. Que Deus o ajude e lhe dê vida e saúde para prosseguir na sua missão jornalística e evangelizadora à maneira do Apóstolo Paulo, porque honrando a Graça, honra Portugal.

Bem haja, Padre Aníbal. Ai vai um abraço e um cheque de mil escudos.

Queijas, 11 de Novembro de 1985.

José Simões Rosa

* * *

Prezado primo e amigo
P. Aníbal

Desejo que esteja de boa saúde e que a sua santa profissão lhe seja o mais agradável possível.

Nós cá vamos vivendo com a ajuda de Deus, sem inconvenientes de maior.

Junto um cheque de mil escudos para pagamento da nossa assinatura de «Voz da Graça».

Se quiser fazer-nos uma visita, teremos muito gosto em o receber em nossa casa.

Abraços nossos e, em especial, um grande abraço do primo amigo.

Póvoa de Santo Adrião, 9 de Dezembro de 1986.

Agripino C. da Fonseca

* * *

Sr. Padre Aníbal

Envio-lhe um vale de correio, de mil escudos, para liquidar a assinatura do maravilhoso «Voz da Graça», que recebo todos os meses. Leio-o e releio-o com muita alegria, nas notícias da nossa terra. Estamos longe, mas o nosso pensamento está perto.

Uma longa vida à «Voz da Graça».

Respeitosos cumprimentos ao Sr. Padre Aníbal e a todos os pedroguenses.

Antibes (França), 28 de Novembro de 1986.

Maria Manuela P. Costa



ALBINA MARIA HENRIQUES NUNES

No dia 3 de Novembro, em Nodeirinho, festejou os seus 18 anos. Foto de algumas meninas e de alguns meninos que vieram a sua casa cumprimentá-la.

Desde 4 de Novembro a 6 de Dezembro, esteve internada no Hospital de N. Sr. da Guia, no Avelar, onde foi operada.

Agradece ao médico operador, Sr. Dr. Patrício, e às enfermeiras que lhe assistiram, os cuidados e carinho com que foi tratada.

Dom Nuno Álvares Pereira

Em 1629, Miguel Leitão de Andrada, de Pedrógão Grande, escreveu na «Miscellanea»:

«E daqui (Sertã) sahio aquelle invicto capitão Dom Nuno Álvares Pereira, que foi hum dos trinta e dois filhos que Dom Álvaro Gonçalves Pereira, prior do Crato, aqui houve, e doutra mãe, a elle só no lugar do Carvalhal, que se chamava Iria Gonçalves, termo desta villa da Certã, que foi instituidor do illustrissimo estado de Bragança, de cujas virtudes e proezas tenho por melhor não tratar, que dizer pouco como Satustio diz dos Cartagineses. Porém, tão afeiçoado era a esta sua pátria, e natureza, que nella vinha muitas vezes estar grandes temporadas, e em Cernache de Bom Jardim (que he hum bosque cercado, quasi de huma légoa que seu pai e elle plantaram, e cercaram, com fontes de pedraria, azulejos, e arvoredos, que se vão ao Ceo, e muita caça de toda a sorte, veados, corços, porcos monteses, e outra, que ainda há, e ficou do muito que d'isto havia em sua vida) pela singular devoção que sempre teve a N. S. do Olival, her-

mida devotissima, e muito nobre, que junto a esta villa há (que elle chamava N. S. do Meio, dizendo estar no meio do reino de Portugal, que elle fez medir) e nella deixou por sua memória huma estátua de cera, do seu tamanho tirada pelo seu natural, a qual estátua durou té estes nossos tempos, que todos a vimos, e eu muitas vezes, n'um nicho desta igreja. E porque era tido por santo, lhe foram tirando bocados os doentes de maleitas, que dizem saravam com isso, e foi comido a bocados, não sem culpa de descuido de seus descendentes, que deveram pôr nesta sua memória mais resguardo, e acatamento: pois el-Rei Dom João II lho mostrava grande, quando vinha a esta her-mida, por cuja estátua era; o qual Rei vinha muitas vezes estar n'este bosque de Bom Jardim, lograr seus gostos com aquella fermosa dama Dona Anna de Mendonça, de quem houve o senhor Dom George seu filho (que tanto desejou lhe succedesse no reino, e dizem lhe escapulias das mãos, por bem leve ocasião) o qual nesta terra, e sítio foi gerado, e delle procedem os Illustrissimos Duques de Aveiro, que d'aqui tem suas raizes, como também os de Bragança, por sua mãe, Iria Gonçalves do Carvalhal, d'aqui natural, como já vos disse.»

CABORA BASSA

Esta grande Barragem não esta bela energia nem riqueza.

A guerrilha Renamo derubou cerca de 2 mil postes que transportariam a electricidade para a África do Sul. Por isso, Portugal está tão encravado que em cada minuto que passa está a perder cerca de dois mil escudos.

Quando será que Portugal se vê livre de tal tutela?

Joaquim Chissano, que foi hábil ministro dos N. E. na ditadura de Samora Machel, agora como Presidente da República será capaz de tomar caminhos seguros e coerentes para bem de Moçambique e de Portugal, no campo da paz, da justiça e do progresso?

Seria óptimo.

«Voz da Graça» dedica esta bela página de literatura portuguesa, extraída da página 451, da célebre «Miscelânea» do clássico escritor pedroguense, Dr. Miguel Leitão de Andrada, que se diz ser primo doutro grande homem, o P. António de Andrada, heróico descobridor dos reinos do Tibete, em 1624, e o dá como natural de Pedrógão Grande, na pág. 100, quando outros escritores o dão como natural de Oleiros.

ANTÓNIO MENDES DA SILVA

AUTOMÓVEIS

Compra / Vende / Troca

Trav. dos Moinhos, 20-1.º Dt.
Telef. 641826 — 1300 LISBOA

Albino Simões Pereira

PNEUS MABOR
ÓLEOS CASTROL
COMÉRCIO GERAL

Largo do Encontro
Telefone 4 51 21

3270 Pedrógão Grande

SÓ PARA RIR

ANEDOTAS

Vitor queixa-se a um amigo:
— Hoje em dia já uma pessoa não pode vestir-se bem.
— Pois, porquê?
— Já fui a dez alfaiates e não encontrei o que queria.
— Que era?
— Crédito.

Jornalista:
— Nenhum homem grande nasceu aqui nesta terra?
Sacristão:
— Não, senhor. Aqui todos nascem pequeninos.

Porque bateste na tua man-zinha?
— Andávamos a brincar a

Adão e Eva e ela em vez de me tentar com a maçã, comeu-a!

Professor:
— Quando foi edificada Roma?
Aluno:
— Quando foi não sei. Mas o que sei é que foi de noite.
Professor:
— De noite, porquê?
Aluno:
— Sim, de noite. Sempre ouvi dizer que Roma não se fez num dia.

Professor na escola:
— Qual é o animal que mais se liga com o homem?
O Aluno Basílio:
— A sanguessuga.

ADIVINHA

Qual é a ilha portuguesa que come carne?

Solução da anterior: — ALHO.

(Adivinhou o Sr. Aníbal Conceição Simões — Aguda).

Tem barbas, e não tem queixo
Este bicho montanhês;
Tem dentes, e não tem boca;
Tem cabeça, e não tem pés.

Solução da anterior: — Fome.

JOSÉ DA SILVA

MÉDICO
DE CLÍNICA GERAL

Consultório: Largo Devesa
Residência: Largo do Adro

PEDRÓGÃO GRANDE

Consultas todos os dias

Mexa-se mais, fume menos — Faça desporto

Marquises — Varandas — Portas — Divisórias
— Tectos Falsos — Estores

Serralharia Matos Silva

Rua Norton de Matos — Vivenda Manuel Cunha
Casal de Cambra — Telef. 9802444 — 2675 CANEÇAS

VOLTA AO MUNDO O NATAL ONDE CRISTO AINDA NÃO NASCEU

Continuação da 1.ª pag.

lev», Samora Machel teve morte instantânea, devido às fracturas múltiplas no crânio e ferimentos no peito e na barriga.

Porque será que a Rússia se recusa a que a «caixa preta» seja aberta na África do Sul, exigindo que isso se faça em Moscovo?

Joaquim Alberto Chissano, que era Ministro dos Negócios Estrangeiros, é agora o sucessor do ditador Samora Machel na Presidência da República. Tem 47 anos e é figura popular. Esperamos que faça melhor figura na paz, justiça e progresso, do que fez o seu antecessor.

LISBOA — Um agricultor mandou para o mercado três caixas de tomates, com 49 quilos. Renderam 490\$00. Mas as despesas do mercado foram de 300\$00; de camionagem, 165\$00; portes de correio, 22\$50. Produto líquido, 2\$50!

Quem pode ser agricultor neste país, com tais estimulos?

— O Orçamento Geral do Estado, para este ano de 1987, foi aprovado no Parlamento, com 98 votos a favor, 75 contra e 37 abstenções do PRD.

— Para tirar a carta de condução, basta agora saber ler e escrever. Tratando-se de tractores agrícolas, nem isso é preciso.

— Por decreto de 27 de Novembro de 1986, a partir de 1 de Janeiro de 1987, já não é preciso papel selado para os requerimentos e declarações.

— Foi extinta a Agência de Notícias ANOP, e foi criada a Agência Lusa.

O Estado gastou, em 1986, 12 milhões de contos com a Comunicação Social.

— Em Janeiro de 1987, o proprietário de casas arrendadas pode aumentar 1,275 sobre o valor da renda que já tenha sido corrigido em Julho de 1986, segundo Portaria publicada no «Diário da República».

ÉVORA — A UNESCO considerou a cidade de Évora «Património Mundial» de Cultura Histórica, com a Igreja de S. Francisco, as mu-

ralhas, o templo de Diana, o aqueduto de Sertório, etc.

COIMBRA — Na margem do rio Mondego vai construir-se uma via de metropolitano, obra de grande valor para a cidade dos Doutores. Quando será?

LOULÉ — No dia 24 de Novembro, numa casa cujos donos foram sequestrados, a Polícia recapturou os dois Cavacos, Faustino, de 26 anos, e Clemente, de 32 anos, cadastrados evadidos da cadeia de Pinheiro da Cruz, há 4 meses. Foram metidos em celas duma prisão de segurança especial.

FIGUEIRÓ DOS VINHOS — Para a 2.ª fase de construção do Parque Desportivo foi aprovada a verba de 34200 contos.

AMÉRICA — A polícia prendeu 150 mil adventistas do 7.º dia que andavam a apregoar que o mundo ia acabar no dia 27 de Novembro.

ZIMBABUÉ — O tribunal condenou a 8 meses de prisão uma mulher negra que se manifestou contente pela morte de Samora Machel.

LISBOA — Lisnave deve nesta altura 37 milhões de contos, à banca, aos trabalhadores e à Previdência.

RÚSSIA — Uma senhora de 32 anos foi declarada «Mãe Heroína de primeira classe», por já ser mãe de 12 filhos. Dão o título de «Mãe Heroína» a todas as mulheres com 10 filhos. As pessoas são a riqueza do mundo, e as pessoas começam por ser crianças. A Rússia está a estimular o aumento da natalidade. Em Portugal, com a nefasta lei do aborto, passa-se o contrário. Pelo cânon 1398 do Código de Direito Canónico, a Igreja excomunga os que advogam e praticam o aborto.

AUSTRÁLIA — No dia 24 de Novembro, por ocasião da visita do Papa, a polícia prendeu um indivíduo que transportava 1 projectil de 5 quilos para matar João Paulo II, por julgar que ele era muito rico, tinha muito dinheiro. O detido tinha saído há pouco de um hospital psiquiátrico. Doente mental?

AMÉRICA — O Presidente dos Estados Unidos é acusado de ter vendido armas ao Irão para libertar os prisioneiros americanos no Líbano.

Foi nomeada uma comissão de inquérito.

NODEIRINHO — No dia 14 de Novembro, foi celebrada missa por alma do saudoso Joaquim Dias Roldão, a pedido de sua esposa, D. Celeste do Carmo Roldão, com a assistência do Sr. Manuel Domingues Nunes e sua esposa, dos Troviscais. O falecido Roldão foi grande amigo da «Voz da Graça». Descanse em paz.

GUARDA — Passaram por aqui os jogadores ingleses

da Escócia que seguiam para o Porto. Embriagados, fizeram distúrbios, partiram vidros de casas comerciais e roubaram artigos que depois abandonaram no hotel. Foram detidos pela polícia judiciária e obrigados a pagar 50 contos de indemnizações.

ÁFRICA DO SUL — Nos destroços do avião russo em que perderam a vida 34 passageiros, incluindo Samora Machel, foram encontrados documentos a provar que Samora Machel, talvez instado pela Rússia, pretendia urgir uma conjura para derrubar o Governo do Dr. Banda, do Malawi, país amigo e fiel à África do Sul. Lá diz o povo: «quem com ferros mata, com ferros morre».

NODEIRINHO — A canzoada continua. No dia 3 de Dezembro, próximo da Barraca do Salvador, foi vista por quatro pessoas que seguiam de carro para o Hospital do Avelar, uma matilha de 8 cães vadios. Um perigo grave para pessoas, sobretudo para crianças e velhos que não se podem defender dessas feras. Para quando será a reclamada batida a estes bichos que andam abandonados ao deus-dará, atacando pessoas e cabeças de gado?

LISBOA — Para comemorar os 70 anos de Fátima, a Conferência Episcopal convidou o Papa para visitar Fátima, em 1987.

CUBA — O ditador Fidel Castro confessa que «o caos e a anarquia dominam os locais de trabalho da República de Cuba». No actual sistema, as pessoas são ensinadas a não trabalhar. Cuba tornou-se «num país de indivíduos que não prestam». É o malogro da economia marxista.

LISBOA — Helena Roseta disse no «Expresso»: «Criado por D. João VI, para acudir às despesas da guerra, o papel selado surgiu no nosso país em 1660». Ora D. João VI só nasceu em 1767. Temos de concluir que ele foi rei 107 anos antes de nascer! Como é que a arquitecta descalça a bota? Esta é de cabo de esquadra.

ADÁGIOS EM DEZEMBRO

— Dezembro nebuloso traz Janeiro chuvoso.

— Depois que o menino nasceu, tudo cresceu.

— Natal ao soalhar e Páscoa ao luar.

— Quem vai a S. Silvestre, vai num ano e vem noutro e não se despe.

Se tem a sua arca ou o seu frigorífico (seja qualquer marca) avariados, não tenha problemas. Contacte com **ALFREDO ANTUNES - Derreada Cimeira - Pedrogão Grande.**

O tempo em que celebramos o Natal traz até nós esta realidade: Deus vem até nós, ao nosso mundo, na fragilidade de um Menino em Belém. Por isso se pode dizer, com propriedade, que o Natal é o tempo da ternura de um Deus que quis vir «montar a sua tenda no meio de nós», assumindo por dentro a nossa história para lhe dar sentido, para a transfigurar. Isto no meio da maior fragilidade e no maior abaixamento que Deus quis sofrer.

É por isso que a Encarnação inicia o abaixamento do Verbo de Deus, abaixamento esse que se encaminha para a entrega total numa Cruz. Despojando-se de quaisquer privilégios, o Filho de Deus vem manifestar, contudo, a sua glória entre nós. É no maior abaixamento que se manifesta o **paradoxo de Deus**: a Luz e a Glória de Deus tornam-se sensíveis e palpáveis no Menino Pobre e Humilde de Belém. E envolve-nos a todos nessa mesma luz.

E quando o Verbo encarna, quando o menino nasce, não é o poder que se afirma nem é o ter que domina. Quando o Menino nasce, é a verdade das novas relações entre os homens que desmascara o rosto da mentira e da falsidade da nossa sociedade; é a partilha dos simples que abre caminhos por entre a ganância e o lucro a qualquer preço; é a partilha de Deus que se faz companheiro da caminhada; é a ternura de quem se compadece dos «filhos pródigos» e das «ovelhas perdidas». Numa palavra, é a misericórdia de quem se faz servidor da humanidade para a levar a reencontrar o sentido da existência, na descoberta de novos caminhos.

Que hipócrita não deve ser a sociedade que se serve da quadra natalícia para «vender» os seus «produtos»? Que cinico não deve ser o grupo humano que, em tempos de Natal, estende, sorri-

dente, os braços das suas cadeias de mercados para convidar a consumir cada vez mais aquilo que não passa de supérfluo!

É, de facto, contraditório quando a Festa da Simplicidade se tornou a «festa da ostentação», quando a Festa do Convívio fraterno e alegre se tornou o «arraial» de gente anónima e triste que não sabe onde vem nem para onde vai. É, ainda, contraditório quando a Festa não passa de uma «quadrá» onde os ritos se repetem e onde não surgem gritos de alegria. Alegria, porque, na fragilidade do Príncipe da Paz, foram destruídas as barreiras sociais, ideológicas e religiosas.

Sociedade, grupo humano, cidade, vila, aldeia, família que não se deixe transfigurar, que continue fechada sobre si própria, fazendo do Natal aquilo que o Natal não é nem poderá ser; sociedade que não se renove, onde as pessoas não aceitam nascer de novo, renunciando aos privilégios e servindo os mais pobres; grupo humano que não aceite nascer de novo, onde os mais fortes ainda dominam os mais fracos, onde a mentalidade ainda está por mudar, onde se estabelecem diferenças e onde vigora a mentira, a farsa e a opressão; poderá uma tal sociedade celebrar muitos natais, mas Cristo continua por nascer no seu verdadeiro lugar: o do Presépio humilde de Belém dos nossos pobres dias.

Pedro Nuno Monteiro

ANEDOTA

Na Escola:
Prof. — A carne de vaca aproveita-se para comer; a pela serve para calçado. E os ossos para que servem?
Aluno — Para pôr na beira do prato, sr. professor.

Meditação de Natal

«Aquele que despoja um homem da sua roupa, é chamado ladrão. E quem não cobre um homem que está nu, quando podia fazê-lo, será digno de outro nome?»

Pertence ao que tem fome o pão que tu arrecadas. Ao que está nu, o casaco que arrumas nos teus armários. Ao que anda descalço, os sapatos que abolerecem em tua casa. Ao pobre, o dinheiro que tens escondido.

Cometes tantas injustiças quantas as pessoas a quem os podias dar.»

BASÍLIO, Bispo do Séc. IV

DR. FERNANDO BRANCO

Médico Especialista de Clínica Geral

Telefone 5 22 16

3260 Figueiró dos Vinhos

Consultas: segundas e sextas-feiras (das 11.30 às 19 h.)

Sábados: das 9 às 14 horas

Terças, quartas e quintas-feiras (das 9 às 14 e das 18 às 19 h.)

O NOSSO CORREIO UM PORTÃO duas vezes secular

Desde o dia 14 de Novembro até ao dia 15 de Dezembro de 1986, registámos as seguintes verbas, referentes aos seguintes assinantes, a quem muito agradecemos:

Com 7000\$00 — Sr. Tomás Coelho Simões, Venezuela.

Com 3000\$00 — Sr. Américo Barreto, Lisboa.

Com 1807\$00 — M.^{ma} Nunes Laia Lucile, França.

Com 1000\$00 — Srs. José Simões Rosa, Queijas; António David Coelho, Marinha; Dr. Eduardo Manuel Nobre Silva Graça, Figueira da Foz; Da Costa Maria Manuela Pimenta, França; João Moreira Leitão, Pedrógão Grande; e Agripino Coelho da Fonseca, Odivelas.

Com 800\$00 — Sr. António Leitão Graça, Lisboa.

Com 600\$00 — Srs. Raul da Silva Barreto, Vila Facaia; e Joaquim Simões Palheira, Troviscais Fundeiros.

Com 550\$00 — Srs. Manuel Nunes de Jesus, Lisboa; D. Almerinda Natividade Baeta, Lisboa; D. Ave-lina Natividade Baeta, Lisboa; Fernando Luís Gestosa Cimeira; José Dinis, Gestosa Cimeira; e Manuel Teixeira, Figueiró dos Vinhos.

Com 500\$00 — Srs. Júlio

Alves Coelho da Silva, Portoá João Alves Coelho, Belas; Adelino Carvalho Henriques, Lisboa; D. Maria dos Anjos Coelho Santos, Carregueira; Manuel Ferreira Capitão, Moleiros; Ângelo Francisco Teixeira, Pedrógão Grande; Vasco da Conceição Silva, Figueiró dos Vinhos; António da Fonseca Ferreira, Chelo; P.^o Luciano Pereira de Carvalho, Lamas de Miranda; Fernando Silva Antunes, Prior Velho; Leonel Ribeiro Cardoso, Portela, Sacavém; António Coelho Nunes, Figueiró dos Vinhos.

Com 400\$00 — Srs. José Alfredo de Jesus, Nodeirinho; Firmino António Maria, Porto das Estevas; e José Gonçalves, Vila Nova de Gaia.

Com 350\$00 — Srs. Américo Rosa Lopes, Pesos; António José Nunes, Lisboa; e António Henriques, Lisboa.

Com 300\$00 — Srs. Diamantino Henriques Serra, Carvalhos; Anibal Conceição Simões, Bairão; António José Carvalho, Casal da Francisca; Almerindo Graça Carvalho, Atalaia Fundeira; Fernando David de Jesus, Balsa; Alfredo Francisco, Pedrógão Grande; Domingos Nunes Lopes, Vila Facaia; D. Maria Serra N. de Paiva, Lisboa; D. Alda Graça Nunes, Camões Arroja; José da Silva, Nodeirinho; António Coelho Marques, Soure; Anibal Ferreira, Carvalheira; João da Conceição H. da Costa, Carapinhal; Joaquim Francisco Bernardo, Nodeirinho; António Luís Ferreira, Tojeira; António Dias, Escalos Fundeiros; Jorge Manuel Coelho Mendes, Graça; Joaquim Barreto, Nodeirinho; Manuel Carvalho Rodrigues, Carvalheira; João Branco, Pedrógão Grande; António Nunes Paula, Pedrógão Grande; Américo Fernandes Duarte, Sacavém; José Jesus Seco da Cruz, Pedrógão Grande; Abílio Jesus Nunes, Pedrógão Grande; Jorge Manuel Antunes Silva Santos, Pedrógão; José Marques David, Lisboa; D. Maria do Carmo Almeida, Castanheira de Pera; António Fer-

reira, Vila Facaia; Fernando Carvalho Barros, Mosteiro; Eduardo Pimenta, Aldeia de Ana de Avis; Manuel Fernandes Godinho, Aldeia de Ana de Avis; José de Jesus Gomes, Venda do Henrique; Domingos Henriques Morgado, Sarzedas do Vasco; Adelino Rodrigues Antunes, Bairão; Albano Pereira Roldão, Pedrógão Grande; José Pereira Lopes, Pedrógão Grande; Joaquim Simões David, Pedrógão Grande; Zé Bonifácio, Pedrógão Grande; Álvaro da Guia, Ervideira; Manuel Pereira, Escalos do Meio; e Adrião Marques (Carpinteiro), Troviscais Fundeiros.

Com 250\$00 — Srs. Albino Coelho, Lameira Fundeira; e Ilídio Marques Ferreira, Carregal Fundeiro.

Com 150\$00 — Anónimo.



Em 6 de Julho de 1788, ainda vivia em Nodeirinho o Padre Manuel Joaquim Bar-

reto, pois nessa data escreveu ele e assinou, nos Covais, uma escritura de doação de 20 oliveiras com seus pés oferecidas por 20 moradores à Capela da Senhora da Encarnação para nela se erigir o sacrário, que ainda lá existe, e manter-se o Santíssimo Sacramento, com o fim de se levar o Sagrado viático aos enfermos, o que de facto se realizou. Na casa que ele mandou construir e habitou até morrer, ainda perdura, embora já com uns leves remendos, o grande portão do pátio, em madeira de castanho, com as tábuas pregadas com grossas cavi-lhas, obra de ferreiro, em duas meias-portas. A tranqueta e o respectivo espelho bem demonstram a sua antiguidade. Mede de altura cerca de 2,50 m e de largura 2,70 m. Tem o seu telheiro de alpendre a protegê-lo das chuvas, e assim lhe permitindo largos anos de existência, há volta dos dois séculos. Está ainda para durar!

Calendário litúrgico

Sendo possível a sua celebração, mesmo aos domingos é permitida a missa exequial, a missa de corpo presente.

CAMPEÃO

Portugal é o campeão da Europa na desigualdade, nesta Democracia. Segundo um estudo sério do I. N. da Defesa do Consumidor, verificou-se que os ricos gastam trinta e três vezes mais que os pobres. A seguir está a Itália.

RÁDIO CONDESTÁVEL

Agradecemos muito ao Rádio Santo Condestável, Nuno Álvares Pereira, que nasceu, no dia 24 de Junho de 1930, nos Paços do Bonjardim, junto de Cernache, e aqui viveu e foi educado até aos 13 anos, agradecemos as muitas amáveis referências que, já por duas vezes, fez, durante uns 15 minutos, ao nosso jornal «Voz da Graça», com a leitura textual das notícias da «Volta ao Mundo», do n.º de Setembro de 1986. Referiu-se ainda ao nosso apelo dirigido aos nossos assinantes, pelo que toca apenas aos que, por descuido, estão em débito, um e mais anos. Tal advertência nada tem a ver com os nossos bons e pontuais assinantes que têm as suas contas em dia, e são a maioria, graças a Deus. Aos faltosos mais uma vez rogamos a especial fineza

de nos enviarem, em nota, cheque ou vale de correio, as quotas de suas assinaturas, pois que «sem sangue não se fazem morcelas», sem dinheiro não se pode publicar a «Voz da Graça». O mínimo da assinatura anual é de 300\$00. Só na Gráfica, a edição de 2000 exemplares, em papel de 1.^a, com 4 páginas, custa 26 contos; com 6 páginas, custa 40 contos; e com 8 páginas, custa 51 contos. Há ainda outras despesas de vulto. A receita está longe de chegar para cobrir a despesa. Isto não é chorar, é dizer a verdade. Continuamos a contar com a generosidade dos nossos bons assinantes. Com mais dois números, Fevereiro e Março, «Voz da Graça» faz 25 anos, e celebra as Bodas de Prata.

Deus nos ajude.

PEDRÓGÃO GRANDE

Uma notícia antiga

No dia 19 de Junho de 1892, há 94 anos, realizou-se a Festa de Santo António, com missa cantada, sermão e procissão. Esteve muito concorrida. Na véspera, sábado, à noite, no Adro da Igreja, a nossa Filarmónica exibiu variadíssimas peças do seu mimoso repertório. Isto consta do jornal «Campeão do Zêzere», n.º 47 e último.

A Filarmónica Pedroguense, criada em 1863, tinha então 29 anos de vida,

OS CORREIOS

Damos aos nossos estimados assinantes e leitores a boa notícia de que, no dia 3 de Dezembro último, começou a distribuição diária da correspondência ao domicílio, interrompida no mês de Fevereiro de 1986, o que causou grandes aborrecimentos e prejuízos ao público. Oxalá não se repita.

Este giro é agora feito pelo carteiro Sr. João Moreira Leitão, de Pedrógão Grande, nosso assinante. Para facilitar a tarefa dos carteiros na distribuição do correio, seria bom que a C.M. desse nome às ruas das povoações e numerasse as portas das residências com brevidade de tempo.

Tratando-se de carteiros novos, não conhecem as casas nem os seus donos, o que os obriga a andarem para diante e para trás, a perder tempo, e a entregar correspondência a quem não diz respeito, com graves inconvenientes. Portanto, nomes às ruas e números às portas quanto antes, para bem e interesse do público, e também dos carteiros.

Se este serviço se fez nas vilas e cidades, por que se não há-de fazer também nas povoações, nas aldeias, nos lugarejos?

Têm o mesmo direito e é bom que seja respeitado.

Rotunda do Pinheiro Bordalo

Está de facto um serviço bem feito, e já há muito tempo esperado. Era um local deveras perigoso para o trânsito dos carros e lá se deram vários acidentes de viação.

Por este bom serviço, a C. M. é bem merecedora de louvores. Parabéns.

BOAS-FESTAS

Recebemos este cartão de Boas-Festas do Natal e Bom Ano Novo, cheio da paz que todos queremos e precisamos.

Retribuímos e agradecemos ao Senhor Comendador Manuel Nunes Corrêa e Dig.^{ma} Esposa, Sr.^a D. Maria Eva Nunes Corrêa, nossos Ex.^{mos} assinantes, em Lisboa.

